

Sorrisos de Vida  
Onofre Alves

coleção sílica

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

onofrealvesautor@gmail.com

## **Editora Corsário**

Caixa Postal 6026 - Fortaleza – Ceará

CEP 60440-546

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

## **Ficha Técnica**

**Editor Responsável** | Mardônio França

**Direção de Arte** | Katiusha de Moraes

**Projeto Gráfico** | Ícaro Mares/ Roberto Barros

**Digitação** | Verônica M<sup>a</sup> Alexandre

**Revisão** | Abraão Freitas / Stella Marina

**Fotografia da Capa** | Mardônio França

**Impressão** | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Catlogação na Fonte

AGUARDANDO BIBLIOTECA NACIONAL

IN MEMORIAM

Aos meus pais:

Sebastião Alves Sobrinho

Maria de Nazaré Lourenço Alves

Meu neto

João Francisco Alves de Sousa

e familiares.

## DEDICATÓRIA

A Layce, minha esposa;  
Aos filhos: Luciana, Onofre Jr., Liliane,  
Lilian e Lidiane;  
Aos genros: Gilson e Diego;  
À nora Márcia Gianne;  
Aos meus netos: Ana Clara e José  
Onofre L. Alves Neto, Heitor Miguel,  
Artur, Benjamin e Diogo;  
À estimada Conceição.

## AGRADECIMENTOS

Ao Supremo Árbitro dos Mundos: DEUS.

Aos Irmãos, Amigos e Colaboradores:

Loja Maçonica Luis Crescencio Pereira-3445;

Loja Maçonica Deus, Paz e Progresso-30;

Ir.: Alfredo Fernandes Barbosa;

Ir.: Mario Campos;

Acacia Maria Layce L. Alves;

Professor Gutemberg de Souza;

Grupo de Teatro Volúpia;

Dr. José Onofre Alves Jr.



## OFEREÇO

Aos que me conhecem  
Aos que me conheceram  
Aos que não me conhecem



Sorrisos de Vida  
Onofre Alves

coleção sílica



## PREFÁCIO

Coube a mim a primogênita fazer o prefácio do segundo livro de Onofre Alves, meu pai.

Confesso que me surpreendi ao ler “Ilhas de Virtudes”, dando boas risadas com algumas crônicas, e me emocionando profundamente com outras.

Pessoas amigas minhas que foram apresentadas ao livro, se dirigiam a mim só com elogios para com a obra e também surpresos com as observações feitas com muita sutileza do nosso cotidiano.

Neste segundo livro eu particularmente destaco o conto “Elástico de Calcinha” que mexe com a cabeça do leitor com o desenrolar da história e, na crônica “Moradores de Rua”, onde se faz uma crítica a essa realidade que salta aos nossos olhos, mas que infelizmente já incorporou-se a paisagem, e nos acostumamos a conviver com esse tipo de situação.

E para o meu orgulho e do Gilson, nossa menina tem a sua estréia como escritora em Poemas. Se ela vai seguir os passos do avô, só ela e o tempo poderão dizer.

**Luciana Luz Alves de Castro**



## **SORRISOS DE VIDA**

Você sorriu para mim.

Você sorriu sem me conhecer.

Você sorriu e eu que tanto precisava.

Você sorriu feliz com minha passagem.

Você sorriu para a noite, para a madrugada.

Você sorriu contemplando o dia.

Você sorriu para sua imaginação.

Você sorriu para você, para o amigo  
para o trabalho.

Você sorriu para as crianças.

Você sorriu para sua amada  
para seus filhos.

Você sorriu para o idoso, para o enfermo.

Você sorriu aos domésticos.

Você sorriu do desânimo e do mentiroso.

Você sorriu do egoísmo e do mau humor.

Você sorriu do ódio e do ressentimento.

Você sorriu para o porteiro do  
seu condomínio.

Você sorriu para sua saúde.

Você sorriu para sua conta bancária.

Você sorriu e lembrou-se dos  
seus desencarnados.

Você sorriu aos espíritos de luz.  
Você sorriu para a vida, para a fé, para o  
amor, para o perdão e  
para a gratidão.

Então, você sorriu para Cristo.

e

Ele também está sorrindo para  
Você!!!

## CHUVA DE PRATA

Ao concluirmos a extensão territorial da Barra do Ceará, transpomos o Rio Ceará. Assim, encontramos a bucólica Iparana.

Iparana, xifópaga da Barra do Ceará, tem um único pulmão que trabalha o processo respiratório de ambas.

O pulmão das irmãs, o caudaloso Rio Ceará. Ora de águas cristalinas, ora de águas barrentas; ora com acentuado volume de águas irrequietas, de ondas pulsantes. Rio caudaloso, vulnerável, inverte seu comportamento de repente, reduz seu volume d'água, tornando-se quase vazio. Águas rasas, comportamento deprimido, quase parado, inquirido na menor faixa de terra, parecendo ter medo da vida, da luz ou da sombra, até mesmo medo do mundo.

As xifópagas foram cirurgiadas e receberam um dreno pulmonar, que resolve suas necessidades de sobrevivência em via de mão dupla, batizada como passarela da amizade.

Iparana provinciana, com ruas de piso de terra, com aparência sitiante, por onde passeiam garbosamente cavalos, jumentos, bodes e, como sempre, muitos bêbados.

Iparana, princesinha dos mangues e das praias, isenta de poluição sonora, visual e auditiva. Iparana, com lua de brilhos sentimentais, estrelas harmonizadas, que comandam com sua brilhância todos os sonhos de esperança dos enamorados e dos casais sonhadores.

É esta lua que contemplo à noite, quando do trabalho retorno. Confesso-me apaixonado por esta dama do firmamento, que me oferece meios luminosos de padrão Hefner. Minha rua, por mim tão amada, com pisinho de terra fresca, serena, com ares de sutil ventilação, de cheiro de mato verde. É, Iparana, meu amor. Temos vidas em comum.

Meus vizinhos constituem-se de graciosa vegetação nativa, da região do manguezal, toda por mim conhecida. E esta já me confessou um profundo sentimento de amor e bem-querer. Somos íntimos de natureza. Ao amanhecer, cumprimento-a com carinho. Sou correspondido por esta com um sorriso. Outras ousam me cumprimentar com um gíngado de cintura e quadril, dando-me as boas vindas ao novo dia que se inicia.

Existe em todo grupo habitacional os que se consideram mais íntimos, os mais abiudos. Na vegetação nativa, também existem aquelas que se apresentam com sorriso maroto, como se quisessem

saber de nossos momentos íntimos, acontecidos na noite que se findou. Advertimos a deixar de enxerimentos, e a coitada fica sem jeito, mas nada que altere nosso bem-querer. Tudo coisa de amigos.

Retornando do nosso trabalho no fim do dia, vi a noite com suas nuances. Ela já estendia seu controle sobre a grande natureza, assumindo o comando sobre esta. Ao transpor a passarela da amizade xifópaga, percebi algo diferente: as estrelas mais volumosas, como se grávidas estivessem. Uma noite de raro esplendor, foi o que nos pareceu.

Espichei o olhar para cima e percebi minha amiga, a lua, desconfiada, como se alguma coisa quisesse me confidenciar, porém, sem forma concreta de iniciar o assunto. Mas amigos são diferentes. Fiz menção de abraçá-la e mandei-lhe mil beijos para a parte mais quente da maçã de seu rosto. Murmurei ao seu ouvido o quanto ela me era querida. A lua se assemelhou a uma rosa quando polemizada no sensor da madrugada, e sussurrou ao meu ouvido: “Haverá chuva de prata. Amores, afetos e carinho fluirão nos seios da madrugada. Mamilos são eriçados em auréolas amarronzadas, em um mundo apaixonado no jardim dos namorados”.

A sensibilidade me aflorou a pele, partindo do coração. A lua me protegeu dos olhos dos curiosos. Apressei minha chegada em casa. Avisei à minha amada; ela mexeu a cabeça, meio crendo e meio duvidando. Falei para ela que precisava notificar meus vizinhos moradores. São quatro, meio distanciados, mas são vizinhos amigos. Desfiz-me da calça, da camisa e dos chinelos. Vesti meu calção amarelo. Como menino travesso, escapuli pela janela. Minha amada tentou impedir minha saída por me achar excitado, apressado e confuso. Como menino teimoso, decidido e astuto, pulei no canto do muro, montei meu cavalo de pau, feito de palha de carnaúba e comecei a trotar na ruazinha de terra, como se a vadiar estivesse. Chegando à casa do vizinho, trotando como criança que nada tem a temer, porém beneficiado com belos raios da lua, que nos fornecem a claridade e nos trazem sonhos dourados no calor da madrugada, uma grande chuva de prata atingira o regato dos corações desgastados, sofridos e esfoliados na vida dos solitários.

Trotando em meu cavalo, com meu calção amarelo, qualquer um esquece aquilo que interessa. Leva pancada na testa, arruma o que vadiar e esquece o recado a dar.

Notifiquei aos vizinhos o que ia acontecer. Não me credibilizaram, por achar que portava mais angústia ou menos verdade, por não se constituírem nem entenderem a necessidade de serem janízaros da lua. Colocaram sobre mim seus tristes olhalvos.

Retornando a minha casa, começou a chuva de prata, as estrelas como que no estado de levitação celestial, com aparência de ebúrneo, doavam à Terra imensurável quantidade de prata, que se direcionava sobre a bucólica Iparana, transformando-a de bucólica em paraíso de prata, que encantava dos solitários aos apaixonados.

Chegando a minha casa, a qual batiizei de Solar dos Ostiários, meu pé de pinheiro, que sempre escondeu seu filho bastardo, apresentou-se todo revestido de prata. As rosas, as flores, o mofumbo do reino, as leucenas estavam todas revestidas de prata. Minha ruazinha já não era de terra; estava com todo o piso revestido de belas camadas de prata, em que podíamos ver nossos atributos espirituais refletidos no chão.

Consideramos um espetáculo da espiritualidade, incompreensível à visão humana daqueles de espiritualidade fragilizada. No Solar dos Ostiários, a água da piscina havia sido aspergida e, no lu-

gar desta, camadas e camadas de prata luziam todo o espaço compreendido nessa área. Imersa na piscina de prata garbosamente, minha amada se deliciava com um confortável banho de prata, que só a espiritualidade nos proporciona. A lua satisfeita e feliz assistia a todo o espetáculo que estava acontecendo, o qual tinha sido por ela anunciado. Fiquei feliz e em êxtase espiritual pelo acontecimento. Preparei-me para mergulhar também na piscina de prata que, aos meus olhos, seria um acontecimento único na minha ruazinha de terra. Mas olhei para a lua e ela me deu um sinal negativo.

A lua carinhosamente me explicou que eu não podia entender por que ali estava sendo trabalhado um belo quadro, que seria posto e perpetuado como símbolo do...

Jardim dos namorados.

A lua nos ditou, ainda:

Lembra-se? No início, não tínhamos nada.

Hoje, já compreendemos que necessitamos amar-nos e que o

Amor é eterno.

## REVIDE DE CRIANÇA

Em uma tarde ensolarada, típica de verão nordestino, encontrava-me atendendo em uma clínica da periferia, como aquelas situadas em bairros carentes e populosos, onde predominam cachorros, meninos, mulher buchuda e bêbado.

A clientela, composta totalmente de usuários do serviço público. Aí, você tem uma clientela bem diversificada: entre desfiles de modas clássicas, não clássicas e o contingente de desleixados, tanto em roupa como em higiene.

A clínica lotada, o sol escaldante, o calor intenso. Dentre a clientela, estava uma senhora de estatura brevilínea, de aspecto físico, vestes e higiene mal-cuidadas. Fazia-se acompanhar por uma criança de idênticas condições.

A criança de aproximadamente 5 anos pediu água: “Mãe, quero beber...”. A mãe, com verbalização altamente grosseira, respondeu: “Não tem água, não...”. De dentro do consultório, percebi a insistência da criança pedindo água, e a mãe afirmando que não tinha. Abri a porta e afirmei: “Tem água”. Chamei a atendente, solicitei que ela levasse a criança até a copa e desse água para ela.

Assim a atendente fez. Instantes depois, abri a porta do consultório novamente, para saber o resultado. A atendente voltava, trazendo a criança e pegando em sua mãozinha para entregar à mãe. E esta perguntou a criança:

- Cadê, bebeu?

A criança respondeu:

- Não. Cuspiuuuuuuuuuuuuuuuuuu!!!

## CARTA DE FAMÍLIA

São Cristóvão, 10 de junho de 2008.

Querida filha Mariana,

Deus te abençoe.

*“ Escrevo-lhe estas mal-traçadas linhas somente para dar-lhe minhas notícias e, ao mesmo tempo, saber das suas. Minha filha, desde que você viajou para a cidade grande, nesta casa ficou um buraco. É muita tristeza para essa velha, sua mãe. Meu consolo é saber que você está lutando por um futuro melhor.*

*Eu estou bem e com saúde, graças a Deus. Seu pai continua do mesmo jeito. O dia todo na roça; à tarde, vem para casa bebericando sua caninha aqui e a colar. Mas foi assim a vida toda, não é de se estranhar.*

*Neném Pilantra, seu irmão, que passava o dia bebericando e a noite na macumba, ganhou um prêmio dos sonhos que o homem vende na porta. Agora está vendendo churrasquinhos lá na BR. Está indo tudo bem, pois ele vende tudo. Só que o resto da cachaça que sobra, ele bebe todinha, porque ele diz que dá azar trazer para casa resto de cachaça dos outros.*

*A maior novidade aqui é que o Chico Casca Grossa, de tanto ajudar a mulher do seu Manoel Tourinho, acabou carregando-a pra ele.*

*E seu Manoel Tourinho agora é Manoel Touro, porque o chifre cresceu e apareceu. E ele agora vive chorando pelas esquinas dizendo que não encontra mais uma como ela. E é uma tristeza só, é coisa de corno.*

*Querida Mariana, aqui não precisamos mais trabalhar. Os velhos estão todos aposentados, o que é justo. Eu discordo é que cada casal que tenha três ou mais filhos ganhou cento e trinta reais por cada um. E haja nascer menino.*

*Crederlina teve um filho que não se sabe de quem é, e recebeu do sindicato mil e duzentos reais. Ela já disse que em dez meses, vai ter outro, que o dinheiro é garantido. Ô governo booom demais!!!*

*Seu primo, Nicácio, continua trabalhando na casa do Prefeito. Ele gosta muito daqueles meninos, afinal de contas, foi ele quem os criou desde pequeninos. Agora já estão rapazinhos. Aquele pessoal gosta muito dele. Ele continua com aqueles trejeitos de rapaz alegre, mas foi assim desde criança. Deixa a alegria dele continuar, fazer o quê?*

Sua irmã Cláudia agora é professora da Prefeitura. Já faz quatro meses que casou. Está grávida, o casal está muito feliz.

Mariana, com referência à bolsa-escola e à bolsa-família, ao vale-gás e à baixa renda, acho que as mesmas deveriam ser fontes de trabalho, pois o dinheiro que está fácil sai mais fácil ainda. Casais jovens com dois três ou mais filhos, que recebem cento e trinta reais por cada, utilizam os numerários na compra de drogas lícitas e ilícitas. Consideram-se funcionários do Governo, mas não prestam um dia de serviços a ninguém. É uma vergonha social e política, tenha dó!!!

Sua mãe prefere um trabalho honesto, que apresente produtividade, ganho com suor e honestidade. Coisa pouca vista neste país, conforme os noticiários.

O dinheiro distribuído nesta cidade, para mim, representa a compra da moral, do respeito, da consciência e da dignidade. Operação feita por aqueles que nunca as possuíram.

Minha filha, é vergonhoso o grande valor dado aos eleitores por esses corruptos, especialmente antes daqueles irem às urnas. É isto mesmo, cada povo tem o governo que merece.

*Minha querida filha, vou terminar, com muitas saudades e os olhos cheios de lágrimas, e sentimentos de sua ausência.*

*Desejo-te muita saúde, felicidades, paz e sucesso em sua profissão. Fico no aguardo de sua resposta.*

*Nada mais de sua mãe, que não esquece um só momento. ”*

Ernestina

## A DONA DO DEFUNTO

Belizário, um amigo das antigas, contou-nos um fato interessante, por ele presenciado, que achamos de bom grado passar-lhes.

Ele tinha um amigo conhecido por Genésio, filho único de pai solteiro. Genésio, casado, porém, também sem filhos; homem probo, financeiramente bem-sucedido, residente na Região Metropolitana. Vestia-se muito bem, usava grifes, muitas até internacionais. Representante comercial, homem de fino trato com belo sexo, que atraía os mais exigentes olhares e interesses femininos. Genésio tinha dois irmãos adotivos: uma moça de vida e comportamento progressista e um irmão de conduta pouco recomendável.

A esposa de Genésio, aos pouco mais de quarenta anos, sofreu um acidente vascular cerebral, tendo ficado com lesões graves e vida vegetativa.

A solidariedade de toda a vizinhança se fez presente. Todas as senhoras, senhoritas e solteironas passaram a se revezar nas vinte e quatro horas, em atendimento à esposa enferma de Genésio.

Genésio dava uma assistência financeira às colaboradoras assistenciais de sua esposa e, nas caladas da noite, prestava e se beneficiava das assistências íntimas das mesmas. Dessa forma, a vida era conduzida sem nenhum alarde.

Um infortúnio aconteceu na vida de Genésio. Este sofreu uma emboscada e perdeu a vida em uma sexta-feira, por volta das 23 horas, fato citado ao irmão adotivo, mas nunca confirmado. Belizário esteve presente em todo o processo de liberação do corpo, até o sepultamento, fato ocorrido com sofrimentos, grandes lamentações e desespero por parte da família, dos amigos e muito mais pelas colaboradoras de sua esposa e pessoais do falecido, as quais, diga-se de passagem, não eram poucas.

Por ocasião do velório, houve um grande número de visitas. Amigos, clientes, parentes, comunidade, todas as suas colaboradoras, em um grande contingente de mulheres, de diversas faixas etárias: de dezoito anos; menos de vinte; de trinta a quarenta; de cinquenta e mais de cinquenta. Belizário me confidenciou que seu amigo gostava mesmo do belo sexo.

A ele não interessava a idade, o importante era ter mulher.

Durante o velório, aconteceram várias manifestações de ciúmes e sentimentos de propriedade do bem-querer de cada uma delas.

Acontecimentos inusitados vieram a existir, quando uma de suas admiradoras postou-se ao lado do esquife, segurou-lhe a mão e de perto dele não saiu mais.

Belizário, que permanecia no velório, presenciou o comentário de duas de suas admiradoras: “Olha, ela só quer ser a dona do defunto”. E a outra complementou: “Agora ela pode ficar com ele, pois já não existe mais nada. Mas quando vivo, cada uma de nós tinha direito ao pedacinho dele, nem que fosse uma vez por semana”. A companheira sorriu e disse: “E era bom, era mil...”.

Aconteceu o sepultamento de Genésio. Os fatos, os sofrimentos e as lamentações, todos conhecemos. E não foi diferente, pois sensibilidade é tudo igual.

Veio a missa de 7º dia, o último encontro dos amigos e administradores de Genésio. Calcula-se que mais de duzentas pessoas lá estiveram presentes.

Entre estas, aproximadamente doze mulheres, talvez até mais, vestiam camisa de meia branca, portando a fotografia de Genésio sobre o peito.

A comoção era geral, mais acentuada nas reais e diretas admiradoras íntimas.

Belizário estava presente com sua esposa. No ato litúrgico de ação de graças pelo falecido, foi comoção geral: choro, lamentações, síncope, especialmente por admiradoras personalizadas.

No auge da comoção, a esposa de Belizário se manifestou: “Belizário, estou com vontade de chorar. Eu vou chorar”. E este disse: “Até você? O que vão pensar de mim? Pois chore, que lhe dou uma mãozada agora”.

“Aí você vai chorar com gosto”.

## **A DÚVIDA DA INCERTEZA COM O INEXISTENTE**

Havia dois assuntos persistentes em uma pequena comunidade, aparentemente similares, porém, de resultados diferentes.

É provável que, em uma próxima cidade, existisse alguém que tivesse algum conhecimento do assunto. Esta pessoa ficou de trazer algumas informações, mas não veio por haver incerteza sobre o caminho estar ou não transitável.

Havia dúvida sobre qual assunto seria tratado: se o primeiro, pelo fato de duvidar-se da existência do segundo.

Solicitou-se a presença de outra pessoa para ajudar, que marcou de vir e não veio, porque existiam duas pessoas com o mesmo nome. Houve incerteza sobre qual das duas teria a resposta absoluta, mas levantou-se dúvida na inexistência da resposta, perdendo esta sua total credibilidade.

Apresentou-se à comunidade alguém que julgava saber da resposta, mas que recusou a falar, pois duvidou da transparência e da legitimidade da mesma.

A comunidade levantou a incerteza sobre o cidadão por não possuir registro de residência fixa na cidade aventada, que talvez nem existisse. Os moradores da comunidade desacreditaram os dois assuntos, pela dúvida de sua existência, e provavelmente consideraram como inexistente a veracidade das mesmas, pela complexidade das dúvidas que suscitavam com a incerteza do inexistente.

A dúvida juntou-se à incerteza, e elas eliminaram o inexistente, que provavelmente já não existia para os olhos da comunidade, a qual, talvez, também fosse fictícia e não existisse aos olhos do provável mundo; o qual, talvez, fosse também...

Irreal.

## ASAS DA ESPERANÇA

Kate, estive em sua fábrica de asas. Não a encontrei; você havia saído. Seu servidor gentilmente me atendeu e permitiu que assistisse ao processo de fabricação. Seus servidores em sua sinestesia, que se assemelham ao revoar de borboletas de cores diversificadas, quando da produção de asas.

Asas extremadas, com alto grau de sensibilidade e espiritualidade.

Visitei o recanto de conservação das asas já prontas. Como são belas e atraentes e de tipos variados, como: asas de humildade, de fraternidade, asas de fê, asas da compreensão, da aceitação, asas de carinho e asas de amor e saúde.

Kate, produza para mim um conjunto de asas que reúna todos esses atributos da espiritualidade, e me ajude a fazer um grande trabalho pela humanidade.

Essas asas serão de tipos especiais, como se, em momentos, pudesse recolhê-las. Em outros momentos, estas me recolhessem e me tornassem imperceptível.

As asas espiritualizadas me permitirão adentrar pela madrugada, no quadro daqueles que sofrem de insônia.

Pudesse partilhar das suas angústias, de suas tristezas, quem sabe, nós conheceríamos suas decepções, bem como seus ressentimentos. Se nós pudéssemos apertar nossas cabeças em sua região coronariana, energizando positivamente um pouco de sua vida.

Asas para que, nas madrugadas de horas cruciantes, pudéssemos ficar ao lado dos que padecem de sofrimentos e dores cancerígenas, rogando ao soberano árbitro dos mundos a redução de suas dores e a amenização de seus sofrimentos. E um pouco de paz interior, extensiva a todos os enfermos.

Asas de atributos espirituais, que nos levassem às praças e vias públicas, onde vivem e dormem os dependentes alcoólatras, já sem vida, sem família e sem dignidade, e portadores de uma doença que liquida qualquer sociedade progressista.

Asas para encaminharmos as mulheres vítimas da violência, inclusive sexual, e encaminhá-las a cobrar da justiça o que lhe é devido pela sociedade preconceituosa e interesseira.

Asas que nos coloquem ao lado dos excluídos, dos desempregados e dos reclusos injustamente nas casas correcionais.

Asas, Kate, que nos colocassem ao lado das mães sofridas nas filas dos postos de saúde, aguardando atendimento para um filho doente e ficando na lista de espera para vinte dias. Ah, como é sofrida a vida de mãe carente.

Eu quero asas que possam abrir diálogo entre casais que passam no trânsito desta cidade e parecem dois inimigos. Imaginem só como será o diálogo com os filhos em sua própria casa, já que entre eles é inexistente..

Asas para acompanharmos as negociações entre patrões e empregados. Que haja justiça, não exploração.

Asas para adrentarmos o mar na escuridão da vida e encontrarmos pescadores em seu bote de madeira à deriva, contando só com a presença de Deus, da noite e da vida já cansada e fragilizada.

Asas para implantarmos paz no coração das violentadas e dos agressores.

Asas brancas e puras, para implantarmos respeito com o erário público nas mãos e na consciência dos governantes, em respeito ao coração de Brasília.

Asas para fortalecermos a fé dos religiosos nos exercícios de suas missões celestiais, exauridos das depressões físicas e psíquicas.

Asas espirituais e concentração na condução do Boeing 09607207, quando sua tripulação realiza voo transoceânico noturno, no qual o mar o corteja, o firmamento o conduz e Deus, em sua infinita bondade, permite uma operação segura. E o Boeing, rodeado de estrelas e borboletas celestiais, poussa em seu destino final, com toda a segurança e serenidade. Onde se fazem presentes as asas da esperança e o Supremo Árbitro dos Mundos: Deus, em sua infinita bondade.

### **IPARANA MEU AMOR**

Iparana quando atingis-te tua maturidade te auto afirmaste para vida, sentiste a necessidade de uma vida social mais intensa e significativa, anunciastes nas colunas sociais tua disponibilidade em ampliar tem circulo de amizades tanto duradora como transitória. Cá estava eu ávido por novas amizades e experiências duradoras, fiz um contato imediato e marcamos nosso primeiro e desejado encontro para sábado seguinte. Semana longa onde nosso psique, já estrutura e fantasia um novo relacionamento, nosso super ego já se permite um novo status de vida e espiritualidade duradora e espontânea, que bom !!!

Iparana, sábado vim ao teu encontro e surpreendi-me com tua fragilidade, aparência desnutrida, membros inferiores com coxas afinadas com sobra de pele ressecadas com aparência de grandes necessidades de hidratantes tua arcada dentaria com caries aparentes que não te permitia um belo e largo sorriso que te era peculiar. Iparana tua estrutura longelinea, teu corpo que em breve estaria nas medidas de padrões e figurino adquiridos a moda a lá brasileira mas deixava confortável de que tua beleza era questão de dias.

A simpatia que exalas, tua forma singela e carinhosa de nos receber escondia tuas dificuldades físicas, passageira e nos fez amar-te a primeira encontro. A necessidade de ver-te passei a visitar-te todo fim de semana.

A época vivas inquirida entre a Barra do Ceara e a praia do Paxeco e quase nada te era permitido.

Iparana já confersarte-me inúmeras vezes que tens por mim um amor platônico e tu iparana agora estas dengosa, manhosa, buliçosa , exacerbado estado de curiosidade e acima de tudo sendo contada em prosa e versos por todos poetas apaixonados.

Oh Iparana quando o mundo para te se abriu quase que você loquejou acostuada você não se fazia a uma sociedade exploradora e preconceituosa e realizaste tropelias e mais tropelias.

Iparana demoraste a entender que tua vida ira ao infinito e por isso não precisa ter pressa. Conscientes que és musa, que és o cartão postal que embeleza a entrada da tua cidade que foste protegida pela natureza onde o mar se funde com Rio Ceará e que podemos ultrapassá-los pela passarela da amizade és bela e grandiosa tem o mundo aos teus pés, es a musa dos mangues e das praias, tuas longas e belas pernas suportam graciosidades essa belas gigantes ancas, que se não se avolumaram mais por que foram contidas entre o mar e os mangues. Iparana tuas ancas convivem harmoniosamente com curvas sinuosas acendestes e descendentes que compõem as fronteiras deste maravilhoso por vir. Alegra-te Iparana e formaste um tronco maravilhoso que comporta esses seios entrecortados, suportados por esse sutião de meia tarça que estão sempre pulsante como uma morganita que acaba de ser garimpada, por garimpeiro ambicioso que nada garimpam a dias de trabalho.

Iparana hoje possui beleza de jasmim azul com rosto e faces angelical na ternura facial de mulher formosa, és Iparana és meu amor, quando me dedica uma largo e grandioso sorriso percebo tua arcada dentaria com coloração de ebúrneo (branco marfim) que me fascina bem como aos milhões de transeuntes que por aqui circulam.

Iparana felina sagaz como fêmeas no cio tua graciosidade independe da Barra do Ceará e do Paxeco és mulher bela e independente.

Iparana tua independência te garante a mesma lua as mesmas estrelas o mesmo piso de chão os mesmos moradores, animais bêbados e mulheres buchudas contenuam as mesmas e circulando em tua região geográfica, esperta! Iparana foi você quem mudou é você que se apresenta garbosamente toda manha para iniciar o novo dia é você que permanece cada vez mais bela, que a todas ama mas não se entrega a ninguém.

Iparana não percebeste que tens um romrom continuo assemelhado ao um gato descansado e satisfeito.

Iparana és bela e graciosa em uma noite de luar, prateado, fraguei-te a banhaste a noite despida no rio Ceará sem

se preocupar que tua silueta desnuda recebia clarões da lua que apaixonava os planetas mais distantes da terra, um grande grupo de pescadores admiravam e a cognominaram como rosa dos ventos do pacífico.

Hoje Iparana temos convivência duradoras e independentes podemos te ver leve solta e fagueira com este mega coração que a todos recebe, és mãe dedicada que punge consola e perdoa, mãe de coração forte e capaz de qualquer sacrifício por um filho não importando condições social cor ou nacionalidade.

Os filhos por te adotados e os legítimos, Iparana alegram-se em dizer-te.

No começo não tínhamos nada, agora já podemos até nos amarmos e dizermos Iparana que o Amor é Eterno.

## CAVALO DE ÁLCOOL

*“ Há velas que iluminam tudo, menos o próprio castiçal. “ F. Hebbol*

Um médio sitiante de uma cidade serrana sempre cumpriu todos os seus compromissos, seja com fornecedores, seja com empregados.

Num ano de pouco inverno, começou a ter dificuldades em saudar seus compromissos. Para completar, veio uma seca no ano seguinte que o fez dispensar todos os funcionários, à exceção de Malaquias, que era como filho. Já trabalhava com ele há 25 anos.

Liquidou todas os negócios, vendeu todos os animais, ficando apenas com um cavalo marrom e branco tipo alazão e com característica de marchador, animal desejado por todos os sitiantes da região. Desejoso de sanar todas as situações, chamou Malaquias e deu-lhe quatro hectares de terra e o cavalo, que era chamado de Nico. Sendo tudo resolvido, Seu Marcelino se desincumbiu de qualquer compromisso social e financeiro com Malaquias.

Por outro lado, Malaquias viu-se sem nenhuma fonte de renda. Tinha quatro hectares de terra que nada valiam, mais a alimentação de um cavalo gordo, bem-nutrido e marchador. Malaquias tomava umas cachaças, mas nada que o comprometesse nem com este nem com aquele, que com ele se relacionasse.

Num sábado, dia de feira, Malaquias, que era conhecido por Caboclo, amanheceu totalmente sem dinheiro e precisava ir à feira para tomar umas caninhas.

Durante a semana, tentou arranjar algum dinheiro, com retorno infrutífero. Imaginou se desfazer do cavalo, o que, para ele, era a maior perda que podia acontecer. Mas não tinha outro jeito.

Na sexta-feira à noite, falou com Nico, o cavalo. Explicou toda a situação que estava se passando e o animal até parece que entendeu, tendo dado uma funxada no pescoço do cabloco. No sábado, lá pelas 9h30, o Caboclo chegou à feira com Nico para vendê-lo. Para ele, uma decisão muito dura, mas não existia outra solução. Nico deveria ter um valor de mercado de aproximadamente dois mil e quinhentos reais.

Chegou o primeiro comprador e perguntou: “Quanto é o cavalo?”. E o Caboclo, que não era trouxa, cotou o cavalo por quatro mil reais, tendo o cidadão achado muito caro.

Apareceram no momento aqueles gaiatos de feira, que intermediavam compras e vendas e achavam-se os grandes conhecedores do assunto. E falaram ao comprador: “Pague uma terça de cachaça para ele que o preço baixa”.

O comprador concedeu, mandou buscar a terça de cana, deu ao Caboclo e foi embora. Às 10h30, com o sol quente, o cidadão voltou. “E aí, Caboclo, quanto é o cavalo mesmo?”. O Caboclo respondeu: “O cavalo é cinco mil reais”.

O gaiato falou novamente: “Homem, compre outra terça de cana para ele que o cavalo baixa”. E assim o cidadão fez. Veio outra terça de cana e o caboclo já truviscado, mas firme no negócio. A hora avança, vendas difíceis, poucas propostas. O cidadão mandou o gaiato pagar outra terça de cana para o caboclo, que a essa altura já estava bem meladão.

Às 12h30, o cidadão veio para fechar o negócio no cavalo: “Aí, Caboclo. Agora vim comprar o cavalo”.

“Quando é mesmo o cavalo?”. O Caboclo responde: “O cavalo não é mais para vender”. O cidadão afirmou: “Eu pago os cinco mil no cavalo”. E o caboclo respondeu: “Não vendo mais o cavalo”. O cidadão perguntou: “Por quê?”. “Eu ia vender o cavalo para beber cachaça. Agora já tô bebo intê”.

Montou o alazão e foi embora. !!!

## **CADEIRA DE BUFFET**

É sexta feira. É mais um evento, dos muitos que já aconteceram. Os servidores dão os últimos retoques. Oh, cadeira de Buffet. A quantos eventos te fizeste presente. Quantos casamentos, festas de quinze anos, eventos políticos e demais. Quantos belos e lindos sonhos de menina-moça tu presenciaste. Quantas confidências de senhoras belas e de figurinos delineados foram externadas.

E tu, cadeira imóvel, foste testemunha de confidências de fatos excessivos, de comentários sobre vidas alheias, até de infidelidades conjugais.

E tu, cadeira de buffet, sempre presente aos acontecimentos sociais, aos assuntos masculinos, ladeado por inúmeras doses de whisky. Quantas vantagens foram descritas, muitas delas até puras inverdades.

Quantos negócios ilícitos sobre tua estrutura foram acertados. Quantas conquistas de mulheres de amigos foram efetivadas. Quantos conchaves políticos e sindicais foram sobre ti tratadas com a pura enganação. Casamentos de sonhos e de interesse assististe e, em pouco tempo, foram dissolvidos.

E tu, cadeira, sempre presente na vida dessa falsa e preconceituosa sociedade; mantendo-se incólume, pois, por qualquer deslize em tua estrutura, serás descartada e tua vida tornar-se-á um verdadeiro desastre.

Um dia, cadeira de buffet, tua estrutura foi avariada e foste recolhida a um depósito de reciclagem, onde foste transformada em pó de plástico; encaminhada a uma indústria de objetos de uso domésticos, com a certeza de que nunca mais chegarás a um salão. É bem provável que se fará presente a um bar de quinta categoria; a um ambiente sanitário, servindo como um simples balde, coletando papel servido.

Oh! Cadeira de buffet. Como o destino foi cruel para ti.

## DESEJOS DE CRIANÇA

*“As vítimas da injustiça devem consolar-se, pois a verdadeira desgraça é praticá-la.” Pitágoras.*

A ideia foi também de meu neto, menino inteligente de 5 anos, que já principia desenvoltura em dialogar com intelectuais, desde que margem sua faixa etária, inclusive em assuntos diversos de sortilégio.

Meu neto sugeriu que se fizesse uma visita ao Sr. Manuelito, pois ele tinha um neto que queria ser bruxedo.

Ventilamos em obra de nossa autoria, pois a criança porta em seu bojo intelectual um processo crescente de aprendizado, que não comporta processos igualitários com os dos adultos.

A criança, em seu mundo específico e qualitativo, reproduz com facilidade as mensagens, bem como o linguajar que lhe seja apresentado, quer seja positivo ou negativo.

A criança compõe seu estado de ser, desde a meiguice, o carinho e a atenção aos seus pedidos, especialmente se pararmos e a ouvimos com atenção.

Se lhe mostrarmos atitudes e comportamentos avessos, a criança os assimilará e nos dará respostas de acentuadas proporções. E ficaremos perplexos com atitudes que consideramos repentinas, o que na verdade não são.

A criança jamais fugirá às atitudes de verdades e fatos reais, por não lhe constarem as necessidades pessoais ou socioculturais de fantasiar ou ludibriar alguém em proveito próprio ou de terceiros.

A criança em faixa etária de ficção e evolução focaliza sua fase de aprendizado na forma do diálogo, da curiosidade e dos comportamentos interfamiliares e intergrupais por esta frequentados.

Visitamos o Sr. Manoelito, que havia chegado no mês passado do sul do Pará, onde foi visitar seu filho, que lá mora com a família.

O Sr. Manuelito nos contou momentos de alegria e contentamento vivenciados com sua família.

Um dos momentos radiantes foi quando saiu com seu neto a passear em uma fazenda. Passou momentos interessantíssimos com seu neto, nos quais pôde dialogar. E em certos momentos, perguntou a ele:

- Celinho, qual é o seu desejo hoje?

- Agora? O que gostaria de possuir, como posso atender esse desejo?

O Sr. Manuelito fez algumas sugestões:

- Que tal morarmos na lua? Viajarmos de trenó com Papai Noel? Jogar bola nos campos de Marte? Passearmos em um túnel subaquático pelo rio Amazonas, até chegar a Santarém? Se encontrássemos um espaço com piso natural de capim, como um tapete rodeado de flores naturais e de frutas silvestres, onde poderíamos, descalços, corrermos, pularmos e rolarmos no chão? Poderíamos nos beneficiar e, ao mesmo tempo, ser janízaros de uma pura natureza, isenta de agressões e do interesse do homem de esclarecimento abjeto.

- Que tal se, em nosso encontro magistral, fôssemos surpreendidos por uma precipitação, em nosso espaço, de uma grande, risonha e amigável estrela?

Com certeza, tentaríamos um diálogo com nossa jovem e simpática recém-chegada, e perguntas surgiriam. Primeiro, notificariamos a ela nosso estado de alegria, paixão e contentamento com sua visita. Encantados ficaríamos por ela haver chegado incólume.

Com as interrogações, pediríamos que nos falasse como funciona a manutenção de uma constelação. Que tipos de vida lá são exercitadas? Que divertimentos são mantidos, e que relacionamentos são exercitados entre as diversas constelações? Que atividades são realizadas durante o dia?

- O que há, estrela amiga e irmã? Quebre seu anonimato. Diga-nos quem és! O que veio aqui fazer? Como aqui chegaste com tua estrutura sem avarias? Diz que nos ama, e tenha a certeza de que a recíproca é verdadeira.

Nesta de relacionamento entre o homem e o transcendental, Celinho, neto de Sr. Manuelito, que a tudo assistia, ouvia com atenção e assimilava, observando um aprendizado evolutivo e qualificativo, equacionado em sua faixa etária, decidiu interferir.

Celinho, fluindo sua parte lúdica, pela qual um princípio bruxeava, colocava para seu avô que melhor seria uma estrela pequenina, a qual poderia fixar na mágica de sua varinha, que o auxiliaria no transcendental de nossas visitas ao território de nossas amigas bruxas. Quem sabe, estas poderiam estar precisando de ajuda.

A estrela, que veio ajudar no processo do transcendental, perdeu parte do seu conteúdo sem se deformar, adaptando-se às necessidades de Celinho.

Celinho, um aprendiz de bruxedo, já possuía um vasto arsenal que lhe permitia um trabalho de auxílio às bruxas.

Varinha mágica, chapéu tipo cone, túnicas pretas e brilhosas, caldeirões para sopa de bruxas, vários vidros de poção mágica, varinha de poderes e encantos, vassouras voadoras, mesinha de bola de cristal e todo o segredo do linguajar necessário às atividades de bruxaria.

Marcaram a visita, tendo antecipado e providenciado todo o equipamento, não esquecendo ser esta uma viagem imaginária, mística e de encantos.

A primeira visita foi à Medeia, a qual, a princípio, estava muito triste e chorosa, por haver sido agredida pelo monstro de Caculé. Esse monstro é esquisito: ele tem duas cabeças, sendo que uma tem dois olhos, e a outra só tem um olho grande. Ele tem desvio na coluna e possui os calcanhares para frente – como o homem antípoda, raça existente na Austrália em 1493.

O tal monstro agrediu Medeia; quebrou a gaiola do morcego, que já tinha quinhentos anos; destruiu o reservatório de sangue, que alimentava vampiros e morcegos; queimou as reservas de teias de aranha, eliminando as mesmas; quebrou o caldeirão de fazer sopa. E saiu sorrindo. Como o monstro de Caculé tem os calcanhares para frente, nunca vamos saber que direção tomou. Prometeu-se à Medeia tomada de providências.

Faz-se a segunda visita à bruxa anoréxica, que mora em uma grande abóbora; também deprimida, porque sua abóbora estava desidratada e o monstro de Caculé havia soltado muito roedores em sua volta. E estes estavam destruindo sua morada. Foi avisada de que seriam tomadas providências em breve.

A terceira visita foi à Bruxomilda, que estava insatisfeita por morar num castelo de duas torres, sendo seu desejo um de quatro torres. Esta não terá ajuda; será julgada por prepotência e arrogância.

O Sr. Manuelito retornou da viagem imaginária com seu neto, que conduzia sua varinha mágica, uma linda vassourinha de bruxa e quatro problemas a resolver.

À noite, sua mãe foi a um baile à fantasia, vestida de bruxa, e pediu a vassourinha emprestada. A criança cedeu, mas imediatamente lembrou-se do compromisso à meia noite. Por isso, não a emprestou.

Pela manhã, perguntamos do compromisso. Ele nos esclareceu:

- A reunião foi à meia-noite, no cemitério.

Todos os problemas foram resolvidos. O monstro de Caculé foi preso. Os calcanhares dele foram colocados para trás, como castigo. Medeia recebeu uma gaiola nova, com um morcego gigante, refeita sem depósito de teias de aranha, com uma dentro. A reserva de sangue foi a resposta e a bruxa ficou satisfeita.

Anoréxica recebeu uma abóbora grande e colorida, safra 2010, com todos os utensílios novos. Ficou feliz da vida.

Bruxomilda foi punida, para aprender a se exaurir do orgulho e da prepotência, ficando duzentos anos na sala de meditação, que é úmida e escura, com piso de salitre. Ficou sem poderes, para agradecer pelo pouco que tem, em função dos nada têm.

## **POEMAS**

### **A Lua**

*A lua às vezes e cheia e minguante.*

*Mas de uma coisa eu sei :*

*- o mais romântica é a luz de teus olhos.*

### **A Luz**

*Uma parte de teu coração é como  
meu irmão / Uma parte do meu coração  
e de minha mãe/ Uma parte de  
Deus é como todos nós.*

### **A Flor**

*Flor, flor que linda flor de qualquer  
Canto de qualquer lugar  
Na brisa de cada olhar  
Oh linda flor porque se esconde  
Neste mundo tão cruel  
Flor tu és tão linda  
Que perfuma a ti mesma.*

### **Ana Clara**

## IMATURIDADE DE JOVEM

No sábado, um paciente sofreu uma queda, ficando desacordado por aproximadamente 50 segundos. Decidimos mandá-lo ao hospital, para avaliação. Convocamos Delfino para acompanhá-lo.

Delfino, rapaz novo de primeiro emprego, biótipo longilíneo, pele clara e cabelos alourados, um tipo vacilante, medroso. Parecia mais um coelho assustado que havia levado uma pedrada.

Delfino acompanhou o paciente ao hospital, em que precisou ficar internado, necessitando de acompanhante.

No apartamento de dois leitos, já havia um interno acompanhado por sua mulher.

A acompanhante, sentindo a imaturidade do garoto, comprovando a existência de um vínculo empregatício, e tratando-se de um rapaz assisado, aplicou uma lábia que deu certo.

Informou a Delfino que ela ia ter que arranjar outro companheiro, porque o marido dela não podia mais ter relações sexuais.

Delfino, ao retornar com o paciente, veio a minha sala e disse-me que ia ficar com aquela mulher. Explicou-me a causa: porque ela ia deixar o marido.

Achei um absurdo. Tentei demovê-lo da ideia, o que foi impossível. Argumentei que, se ele adoecesse dos órgãos sexuais, ela o abandonaria também. Ele me rechaçou que não o desejasse mal.

Disse que a mulher era boa demais e que valia qualquer esforço. Devia ser daquelas que classificamos de 24 x 14.

O garoto estava se arrumando na vida. Tinha comprado um terreno, um carro, já tinha poupança, era um bom começo de vida. Dois meses passados, o garoto me ofereceu o terreno, pois precisava de dinheiro para passear com a mulher e não tinha outra saída. Comprei o terreno e o adverti do que começava a acontecer. E de nada adiantou.

Algum tempo depois, vendeu o carro para passear com a mulher, dizendo que ficava mais barato passear de táxi. Adverti-o novamente; de nada adiantou. Homem novo, quando endoia, é pior que jumento.

Antes de um ano desses fatos, veio a minha sala e pediu para que o demitisse, pois precisava do fundo de garantia, informando-nos que ia negociar com confecções juntamente com a mulher. Não argumentei mais nada porque vi que não adiantava mais. Mande assinar o aviso prévio, tendo acertado suas contas.

Em dois meses, voltou triste, liso e arrependido. Perguntamos pela mulher. Ele disse que ela já estava com outro garoto dos Correios. Pediu nova chance de emprego. Informamos-lhe que a empresa não readmitia demissionários voluntários.

Dissemos ainda a ele que:

*“ Uma mulher bonita é o  
Paraíso dos olhos,  
O inferno da alma e o  
Purgatório da bolsa. “  
Fontenelle.*

## **MORADORES DE RUA**

“Ninguém ama a pátria porque ela é grande, mas porque ele é sua.” Sêneca

Em uma das minhas visitas aos grupos de autoajuda, fomos abordados por um grupo de quatro pessoas, sendo três homens e uma senhora.

Todos apresentavam-se com aspecto físico sofrido, e com esperanças e perspectivas de uma vida decente, já aspergida pelo tempo.

Faziam-se representar por um líder, que se apresentou, bem como aos demais. Disse que, no submundo das ruas, era conhecido por João Banguelo. Apre-

sentou-nos seus companheiros: Pé de pato e o Cuidador. A senhora, eles chamam de Coruja.

O líder nos informou que todos eles tinham uma história. João nos disse que já tinha ingerido bebidas alcoólicas. Hoje, está parado. Alguns membros de seu grupo bebem. O que ele reprime com veemência é o uso de drogas ilícitas. João nos explicou que tinha vindo de um Estado vizinho tentando melhores condições de vida. Na época, usava bebidas alcoólicas.

Ingeriu determinada quantidades e se embriagou. Capotou (segundo informa).

Ao acordar, havia acontecido um infortúnio. Haviam tirado a vida de um cidadão. Perto dele, estava uma arma, sendo ele preso como o responsável, recolhido a uma penitenciária.

João nos afirmou ser este um lugar dos mais difíceis de sobrevivência. Sofreu inúmeras humilhações, sendo espancado várias vezes por não aceitar submeter-se às leis e atributos das pessoas poderosas, ali dominantes. Sofreu vários traumatismos na cabeça, ficando desacordado, fatos que lhe produziam uma amnésia global, tendo esquecido os nomes de pessoas de sua família, bem como seu endereço.

Foi libertado do presídio após um ano, por não comprovarem o fato de que o acusavam. Aí, veio parar na rua.

Homem inteligente, de aproximadamente trinta e cinco anos. Lembra-se vagamente de que concluiu o 2º ano de técnico de laboratório. Escutamos atentamente o cidadão, que começou a fazer seus questionamentos: “E aí, Dr., O Estado quer ou não quer assumir a segurança daqueles que eles recolhem injustamente às suas casas correcionais? Afinal, eles comandaram. Ou se recusam a reconhecer um poder paralelo lá dentro? Que Estado é esse? É medo ou falta de competência”. “Você tem explicação para o fato?”. “Somos moradores de rua. Não é porque queremos; somos compelidos por uma classe dominante, que usa o erário publico, ao qual não temos acesso. Se o tivéssemos, não o faríamos. Somos espécies em extinção. Moramos na rua, mas somos brasileiros. Somos diferentes porque não temos casa, enquanto na capital do país, a classe política tem a sua disposição dois luxuosos apartamentos e usam um para as orgias noturnas”.

“Somos diferentes porque não temos emprego, enquanto os dominantes, com supersalonas, passam semanas viajando e, no fim do mês, os gordos salários e vantagens estão na conta bancária”.

“É vergonhoso, Dr., o que estou lhe contando. Mas o senhor sabe que é verdade”. E continuou seu questionamento: “Somos diferentes porque não temos cadastros no posto de saúde. E se o tivéssemos, de nada adiantaria. Com a saúde sucateada, o único atendimento é uma lista de espera, na qual há setecentos na frente. É uma vergonha ou não é? O senhor sabe que a classe dominante é atendida em hospitais de alta tecnologia, custeada com dinheiro do povo pobre.

Somos diferentes porque não temos título, e a classe política nos ojeriza porque não podemos ajudar legitimamente. São os mandatos que a credenciam. Aparecem na mídia carregando o dinheiro do povo nas bolsas, nas meias, nas cuecas, nos carros. Pra gente, Dr., é vergonhoso. Para eles, é ibope. A mídia valoriza. Que vergonha, que tristeza é o Brasil!!”.

“Aonde vamos? Que representantes são esses, que continuam imunes e privilegiados com poderes e direitos? Dá pra entender? O senhor pode nos explicar?”.

“Somos moradores de rua, mas não somos burros. Chamam-nos de sujos, papudinhos, alienados. Mas tenha certeza, somos honestos. Coisa pouquíssimo vista neste país, o que é até vergonha, especialmente na capital do país”.

“Como moradores de rua, se a gente circulasse com uma caixa de isopor na cabeça, mesma vazia, talvez fôssemos até presos. Mas existem aqueles que circulam de bermuda, com uma caixa de isopor na cabeça, cheia de celular de cachaa. Perguntamos se só no isopor ou se também na cabeça. É destaque na mídia escutada, falada e televisiva, o senhor entende? Ou é um Brasil utópico?”.

“É um Brasil grande para os dominantes e privilegiados, e um Brasil a existir para os pequenos, da base da pirâmide social”.

“É o Brasil, país das maravilhas!”.

Será ???

## **NOSSA SOBRIEDADE**

*“Quem acende uma luz é o primeiro a beneficiar-se de sua claridade.”*

*Chesterton*

Álcool: substância tóxica dependente, euforizante e depressiva, com desestruturação social. Descoberta pelos Egípcios há 2.000 anos antes de cristo. Substância que proporcionou à humanidade um das maiores fragelos de todos os tempos.

Manter um estado de sobriedade natural e dar continuidade a uma autoconsciência plena, calcada em padrões

personais, sociais e espirituais, dessa e de outras vidas. Não beber é manter-se consociado com o grande arquiteto do Universo (DEUS).

Não beber é praticar um ideal fraterno entre o espírito e a matéria, como forma de fortalecimento dos planos vindouros. Não beber é o reforçar de um entendimento no plano familiar; é um estado de lucidez que vivenciamos com o propósito de solucionar nossos atributos, que estão em condições de negativismo.

Condições que assumimos com nossos descendentes, ascendentes e com todos os que nos procuram com necessidades de assistências diversas.

Não beber é nos mantermos vigilantes, alertas e prudentes. E como tal, obtemos o respeito e a consideração desta pseudosociedade, sendo sociedade.

Não beber é ativar nossa perspicácia e atitude crítica em relação à conduta da classe política corrupta e dominante, que supervaloriza o cidadão nos períodos pré-eleitorais e os portadores do alcoolismo. Os de rua são desprezados, por não terem domicílio eleitoral para legitimar seus mandatos e poderem estes atender às suas necessidades e daqueles com quem são compromissados.

Usa-se a política como ato de ser servido, o que é uma vergonha, para quem a tem. Não beber; para não nos expormos à sujeição de morte prematura, lesões irreversíveis ou traumas diversificados. Somos partidários de que a maior defesa é o ataque. Não beber, para continuarmos existindo nessa época vertiginosa, cheia de contradições que vêm primando sempre contra os interesses dos mais fragilizados. E se esses estiverem intoxicados pelo etilismo, a vantagem do dominante fica mais exacerbada. Não beber! Um ato consciente, uma forma de resistir às exclusões sociais e não permitirmos sermos impelidos nas patologias crônicas, inclusive a etilica, fragilizando nossos órgãos vitais, tornando-nos insanos. Como consequência, um peso social para a nossa família, haja vista que ao Estado só interessa o recolhimento das cargas tributárias.

Não beber é um estado de consciência espiritual provindo da alma, alimentado por campos elétricos magnéticos, transmitido por impulsos neurotransmissores, na manutenção de uma vida plena, de consciência salutar, proporcionando uma felicidade progressiva e autossustentável.

## **O ELÁSTICO DE CALCINHA**

Um casal de fazendeiros da região Centro-oeste tinha uma megafazenda de 60 mil hectares. Pouco menos da metade era de plantio de soja, terra produtiva. A outra parte, com terra própria para pasto, onde criavam quinhentas mil cabeças de boi.

O casal só teve um filho, porque dona Betinha, no pós-parto, submeteu-se a uma esterectomia total, por indicação de exames laboratoriais e do médico. O menino recebeu o nome de Beethoven. Inteligente, estudioso, cresceu rápido. Com físico avantajado, cabelos claros, olhos cor de palha da cana envelhecida, tipo que provocava inspirações profundas no belo sexo. Desde criança, aficionado por estilingue (baladeira), não para lesar animais e sim para colher frutos maduros.

Seus pais ansiavam que crescesse e se casasse, para lhes dar um neto. Aliás, muitos netos. Beethoven montou em um quarto da sua casa uma imensa coleção de estilingues (baladeiras). Todas as vezes, cá na rua estava e comprava câmaras de ar de bicicleta, que transformava em várias baladeiras, afixando-as nas paredes do quarto em sua casa.

O início da coleção não trouxe preocupação para seus pais, mas a coleção aumentou demais e todas as vezes que Beethoven chegava em casa, primeiro ia ao quarto das baladeiras e acariciava-lhes. Fato que começou a trazer preocupações aos pais. Aos dezesseis anos, Beethoven já assumia e conhecia quase todas as atividades da fazenda.

Conhecia como poucos todas as técnicas para plantação, cuidados e colheitas da soja; manejava com eficiência todas as máquinas plantadoras e as colheitadeiras de soja e milho; comandava com maestria o gado do mangueiro, bem como o do pasto; entendia muito bem as cotações das bolsas internacionais, tanto a da soja quanto a do boi gordo.

Atitudes inteligentes, seguras e determinativas como estas alegravam e deixavam seus pais muito felizes. Por outro lado, já aos dezessete anos, apesar de não demonstrar nenhum gesto nem condutas efeminadas, também não tinha qualquer interesse no belo sexo e sim, exclusivamente, em suas baladeiras. Seu pai confabulou com o médico da cidade, que ocasionalmente era seu padrinho, o qual o aconselhou a encaminhá-lo ao psicanalista.

No domingo seguinte, seu pai fez um churrasco. Era o aniversário de dona Betinha. Ele convidou seu padrinho, para que este conversasse com Beethoven e pudesse persuadi-lo a visitar o psicanalista.

Beethoven, inteligente, com seus atos corteses e obedientes, não colocou qualquer objeção. Pelo contrário, concordou.

Na semana seguinte, foi ao psicanalista. Homem de estrutura longilínea (alto), de pele queimada, cabelo e barba longas, com brinco na orelha esquerda, com clonus (movimentos incoordenados) da comissura labial direita.

Por três anos duraram as sessões do psicanálise, entre regressão a idades, até a intrauterina, e avanço à de um homem de meia-idade. Progredia. Tudo foi até com certo sucesso. Beethoven chegou a se aproximar das garotas mas nada além de um simples ficar.

Mesmo assim, o psicanalista resolveu fazer um teste de simulação de um casamento e lua-de-mel, mesmo sabendo que a afixação por baladeiras só tinha aumentado durante estes três anos.

- Beethoven, você vai se casar onde?

Este respondeu.

- No religioso e no civil?

- Onde será a recepção?

- No hotel cinco estrelas.

- A sua noite de núpcias?

- Em Campos do Jordão.

- Quando o elevador chegar ao décimo andar e abrir a porta?

- A carregarei nos braços para o quarto, com muito carinho.

A essa altura, o profissional da área da psiqué estava certo de todo o sucesso e continuou com sua simulação.

- A sós no quarto?

- Ofereço-lhe uma taça de champanhe. Tomaremos conjuntamente, com o cruzamento de braços.

- Quando sua esposa retirar sua primeira peça do vestuário e lhe entregar?

- A dobrarei e colocarei sobre a cômoda.

- Quando graciosamente ela retirar o sutiã e lhe entregar?

- Receberei com respeito e colocarei sobre o vestido.

- Quando, sexy e graciosa, ela estender-lhe a mão para a retirada da calcinha?

- Eu a ampararei com carinho e mei-

guice.

- Quando sua esposa quedar-se ao leito para sua primeira noite de núpcias e passar-lhe a calcinha que acabou de despir, o que fazer?

- Corto a calcinha, tiro o elástico e faço mais uma baladeira, para completar minha coleção que será...

- De 15.000 baladeiras.

## O LOUCO DE QUERMESSE

Flamarion, um amigo nosso de longas datas, trabalhou trinta anos em hospital psiquiátrico. Há dias passados, contou-nos uma história por demais interessante. Na década de 1960, mais precisamente entre 1966 e 1967, ingressou no serviço público estadual um jovem auxiliar de enfermagem que se adaptou rapidamente ao serviço. O jovem, de muita responsabilidade, aos três meses de serviços, já havia iniciado plantões noturnos, atividades para antigos, que já somavam experiências, pois o pavilhão abrigava um contingente de 150 internos.

Nessa década, o hospital ainda não tinha televisão. A última medicação era feita às 19h30 e, às 20h30, todos já estavam deitados. O auxiliar fazia a revista confirmando a presença de todos.

Tendo percebido e confirmado a ausência de um interno, inclusive sendo do interior, aumentava a preocupação dos plantonistas. Flamarion me disse que, em hospital psiquiátrico, usa-se muito o termo “Aí, o plantão pegou fogo”. Sabemos que casa de louco é assim mesmo. Uma surpresa a cada momento; agres-

sões; fugas; suicídios. É um mar de loucuras. É a esquizofrenia nossa de cada dia. É o esgotamento de nossas reservas mentais. Afinal, de loucos, todos nós temos um pouco, no nosso id. O plantão era composto de quatro pessoas: dois auxiliares, um servente e o motorista da Kombi. Três saíram em busca de capturar o interno fujão. O hospital psiquiátrico era situado num bairro de periferia pouquíssimo habitado, porém circundado por imenso matagal rústico e de visibilidade impossível, ainda mais à noite. Saíram em busca o motorista, o auxiliar psiquiátrico, Norberto, e o servente, de nome José Antonio.

Época difícil, não se tinha conhecimento de equipamento de proteção individual (EPI). A equipe fez uma ronda geral nos bares, em duas boates, em diversos outros lugares, sem nenhum resultado. Retornaram ao hospital.

Para esquentar mais o plantão, ao passar pelo matagal, José Antonio pediu para parar a Kombi e saiu atrás do paciente. Os outros dois companheiros ficaram esperando, na estradinha de chão. Em pouco tempo, nova surpresa: José Antonio voltou. Tinha sido picado por uma cobra venenosa, tipo cascavel,

segundo Norberto. O auxiliar psiquiátrico ficou muito preocupado; porém, José Antonio não se preocupou nem um pouco. Pediu para ser levado ao primeiro botequim. Lá, tomou um copo cheio de cachaça e logo ficou ébrio. Tendo sido levado para o hospital, foram realizados exames de sangue e foi constatada a neutralidade do veneno pelo álcool etílico.

Norberto não deu credibilidade ao exame, por não cultivar a ingestão de bebida alcoólica. Ele e o motorista retornaram à busca do fugitivo. Já eram 23 horas; era o mês de outubro e estava acontecendo o encerramento da festa de São Francisco, grande e movimentada. As festas do Santo Padroeiro, como todos nós conhecemos.

Os dois funcionários decidiram ir à matriz da festa do Santo. Lá chegando, entraram pelo meio da multidão. Norberto, rapaz novo, sabia que o paciente de idade aproximada da sua é danado para se encostar a pé de muro, pouco iluminado, a fim de receber e doar suas carícias afetivas. Não deu outra. Lá estava o paciente, com uma mulata tipo 24 x 14, que encantava os olhos mais exigentes.

Norberto, pouco experiente, aproximou-se do casal e o abordou:

- Josifran, você, fugir do hospital. Você é louco. Não pode estar aqui.

A moça, ao ver a aproximação e a abordagem do profissional do hospital psiquiátrico, afastou-se imediatamente, muito assustada.

O paciente falou a Norberto:

- Não se preocupe, não, Norberto. Eu volto pro hospital com você. Mas fique sabendo que, no meio de cem bons, passa um doido.

## CHICO ANJO

Menino toda vida foi muito mal informado fatos que fomentam nas crianças instituídos de curiosidades.

Quando criança morei até os sete anos em uma metrópole da zona noite, sempre fiz amizades com muita facilidade e quando criança não era diferente.

Na rua onde morava tornei-me amigo de muitas crianças de nossa faixa etária, a curiosidade nos rondava pactuamos que toda novidade deveria ser lavado ao conhecimento do grupo o mais breve possível.

Seu Chico anjo um cidadão de aproximadamente sessenta anos, proprietário de uma grande mercearia, era como chamavam na época, também possuidor um par de orelhas grandemente crescidas fato que ampliava a curiosidade do grupo de crianças que mantinham-se em busca de justificativas.

Meninos tidos como curiosos acabam ouvindo e sabendo de muitas coisas, a respeito de seu Chico Anjo ouviram que era de família. Ouviram que era porque ele tinha pai rigorossismo que lhe puxava muito às orelhas a titulo de castigos e elas ficaram grandes, ouviram que era

porque nas noites de lua cheia ele vivava lobisomem. A curiosidade do grupo aumentava como uma progressão geométrica de forma que toda manha cedoinho estavam dando bom dia ao seu Chico Anjo, com intuito de observar se suas orelhas estavam maiores era o assunto das criançadas. Até que um dia conseguiram uma informação definitiva, as orelhas de seu Chico Anjo eram crescidas por que ele comia muita carne com peixe na mesma refeição. Deste dia em diante as crianças passaram ter grandes vigilância em suas alimentações se elas comesse peixe na segunda feira só iam comer carne na quinta feira. A noticia se espalhou com rapidez em toda rua apenas seu Chico Anjo nunca desconfiou da tal preocupação das crianças e da comunidade. Um dia aconteceu um grande desconforto físico com Chico Anjo e a família o levou para a capital, tendo realizado uma baterias de exames médicos e laboratoriais, chegando ao diagnostico que seu Chico estava com hanseníase, na época chamava-se de lepra. Seu Chico ficou internado no leprosário, que na época era assustador. As crianças ficaram apavorados quando souberam dessa verdade.

Houve comentários dos mais variadas, as crianças mediam as orelhas um dos outros e anotavam em um caderno. As criança acreditaram a causa da patologia, era alimentação de carne e peixe na mesma refeição.

As crianças passaram rigorosamente a só comer carne três dias após ter comido peixe.

Hoje passados 55 anos nenhum daqueles, hoje cidadãos que vivenciaram tal acontecimento, aceitam alimentar-se na mesma refeição com

Carne e Peixe.

Nem Eu !!!

## **A CRISE**

Não vemos obstáculos em definirmos o que venha ser crise, assim colocamos nosso ponto de vista, pelo fato de poderemos afirmar que cada ser humano já vivenciou uma crise de uma forma ou de outra, já passamos por tal experiência.

A crise caracteriza-se por alteração ou mudanças desestruturantes de transição ou de estruturação social.

A crise manifesta-se em alterações negativas patológicas (doenças), de produção, crise nervosa, políticas, existen-

ciais, matrimonial e financeira, ou nas mudanças de padrões sócios culturais.

Nas crises costumamos-nos exaurir de nossas responsabilidades, como formas de aliviar suas conseqüências o que é puro engano. As sociedades capitalistas costumam inibir suas produtividades, conceder férias coletivas aos funcionários, achando elas que encolhendo as despesas, não serão atingidas, que é uma inverdade. Os economistas, os sensatos e inteligentes administradores nato, ao perceber a falência do sistema antigo não se encolhem nem se escondem. Projetam um sistema novo que elimina as falhas do sistema antigo.

Os sensatos buscam soluções, estabelecem planilhas, ousam, experimentam, aventuram-se no plano dos vitoriosos.

A vida não nos permite perder de bom grado, nem aceita ficarmos de cabeça cheia e com a derrota estampada no peito. As crises são desafios para testar os que merecem vencer, ai nos energizamos e mentalizamos o lado positivo do novo projeto, acreditamos e reforçamos nossa qualidade lutar.

Assim creditamos a nós mesmo a confiança de provocar mudanças e os fazemos.

Acredite em seu grupo de trabalho, sejam vocês mesmo a resolver o problema, sejam os vencedores.

Acredite em você, na vida.

Em Deus.

## **ESQUIZOFRENIA NOSSA DE CADA DIA**

Gostaria muito de afirmar-lhes, mas falta-me certeza em definir se estou dentro do hospício ou se é este que está dentro de mim. Tenho uma vida sequenciada por longas e incertas caminhadas, sob olhares por mim nunca identificados, talvez de olhos tristes, verdes, pretos ou vermelhos, porém atentos e esquizoides.

Difícil confirmamos se, no hospício onde passamos grande parte de nossas vidas e com o qual tanto nos identificamos, todos que aqui estão são, ou se todos que são aqui estão. Só o tempo dirá. No isolamento em que estou, minha estrutura psicótica é incitada a que eu tente, às duras penas, encontrar comigo mesmo.

Mas não me encontro, porque não sei onde estou.

E quando consigo, interrompe-me um enfermeiro com amáveis gestos e oferece-me uma química medicamentosa. Discordo da tal e confidencio-lhe que minha necessidade terapêutica é do tipo afetivo. Ele se mostrou interessado e dialogou comigo sobre a ideia.

Eu e meu enfermeiro temos adversidades semelhantes. As desordens de nossas esferas mentais pouco diferem. É que ocupamos os mesmos espaços no hospício. Perambulamos o dia todo nos extensos corredores vazios de ideias, de atitudes e valores religiosos. Nada conversamos, pois nada há que modifique nosso consciente, que navega no primitivismo de um ego fragilizado. Quase enlouquecemos, distanciando-nos sempre mais da função de mediadores de impulsos e favorecendo a projeção de nossas loucuras no desequilíbrio emocional dos outros, utópica ou não!!!

A esquizofrenia nossa de cada dia progride, e meu psiquiatra passa toda a manhã olhando para o teto e batendo a caneta nos dentes, tentando entender o infinito. O motorista da Kombi sempre teve medo de doar suas córneas, com o receio de ser assassinado por um cego que morava no mesmo quarto.

A funcionária do salão de beleza, que eventualmente é loura do tipo deslavada, assusta-se e não aceita uma dose de whisky, receosa de que haja desconto de seu salário em valores de libra esterlina. A notícia da televisão incomoda o barbeiro, informando-lhe de uma praga de parasitas do couro cabeludo, o velho piolho, que invadirá a cidade no próximo mês.

O barbeiro, em crise existencial, raspou sua própria cabeça, assemelhando-se a uma muchacha, protótipo de uma rapariga hispânica na porta da previdência social, reivindicando aposentadoria por tempo de serviço.

A cozinheira recusa-se a cozinhar feijão mulatinho, por haver visto no dicionário que filho de homem branco com mulher negra, quando criança, é mulatinho e vice versa, dizendo ser mãe e defensora incontestada da vida e do bem-estar das crianças.

A arte, a música e o teatro instalaram-se no hospício, cujos controles transcendem a um estado portentoso, fugindo ao domínio dos mais iluminados pais de santo.

Aí, durante cinco anos, ouvimos e também contamos pelos sete cantos do hospício a longa estrada da vida e depois,

por mais cinco anos, as andorinhas voltaram. Compomos peças teatrais, cantamos em corais natalinos infantis, dos quais só as crianças gostam e mesmo assim, por falta de atitudes e refinamento artístico e cultural maduro. Caso contrário, teriam focos auditivos irritativos e depressão. As danças, os decursos, os questionamentos, os exercícios de mandatos políticos, ao contrário dos exercidos em Brasília, local onde o roubo do dinheiro do povo atinge do servente ao presidente, não atingem a nós, os doentes. O hospício fica incontrolável, o que forma o contentamento de todos. O psiquiatra joga fora a canela, esquece o teto, desenruga a testa e cai na festa, florindo seu estado psicótico no mundo dos iludidos. A diretoria estabeleceu leis pragmáticas para conter os acontecimentos e acaba enlouquecendo. Anulou o pragmatismo. Cansada de normas rígidas e de resultados improdutivos, cancelou pactos de inertes resultados e dançou a noite toda. O encontro dos resultados, em parte, em igualdade, em quase totalidade, nas formas igualitárias, se apresenta em formas e atitudes das sociedades psicóticas e esquizofrênicas do tipo:

Viver Feliz.

## **RICOS DE PASSAGEM**

Entre os anos de 1970 e de 1986 em nosso país, instalou-se uma febre inflacionária, que nenhum de nós imaginava que evoluiria da forma que evoluiu.

No período de 1986 a 1990, acirrou-se ainda mais tal processo. A progressividade inflacionária chegou à exaustão total no período de 01/08/1993 a 30/06/1994. Foram onze meses cruciantes, nos quais o índice daquela chegou a 3.700%. Nenhum país alimentado por tal índice conseguiria formular projetos nem imaginar qualquer planejamento para I.D.H. (índice de desenvolvimento humano). As instituições financeiras e governamentais criaram fórmulas legais, estimulando os investimentos em mercado de capitais, tendo ficado simpáticas aos capitalistas nacionais e internacionais, facilitando o maior enriquecimento destes e empobrecendo cada vez mais a nação. Na época inflacionaria, considerada a corrida do ouro, estimulou-se a população a se desfazer dos bens móveis e imóveis para investir no mercado de capitais e obter ganhos financeiros sem despendar tempo nem esforços. A atraente e fácil forma de ganhar dinheiro conquistou para as grandes cidades.

Grande parte da população do interior e dos Estados vizinhos, jovens e homens de meia-idade. Ananias contou-me que pediu ao seu pai a importância financeira a que tinha direito como herdeiro. Seu pai de pronto concedeu-lhe valores referentes a cinco cabras, dois jumentos e uma vaca. Ananias veio para a cidade grande, passando a residir em um bairro de periferia. Confessou-me ser semianalfabeto, mas amante da leitura. Sua Bíblia era um dicionário para estudar as palavras.

Ananias conheceu Demétrius, seu vizinho, concludente do curso de economia, que o alimentou de todas as informações sobre mercado de capitais. Ananias investiu 75% do seu capital. Com os 25%, montou um depósito para comprar ferro velho, que quase nada lhe rendia. Ananias acompanhou os primeiros rendimentos, que o deixaram muito feliz. Isso lhe fez reinvestir e reinvestir e reinvestir. Homem jovem e inteligente, logo aprendeu a trabalhar com ações, dólares, poupança, overnight e via rapidamente a multiplicação de seu capital, e com ele, sua acessão social, tornando-se rápido um socialite brasileiro.

Ananias aprendeu tudo sobre mercado de capitais, menos que seus altos

rendimentos e a tal economia não eram autossustentáveis.

Tornou-se sócio-proprietário de ações de clubes luxuosos, onde realizava contatos sociais de primeiro grau, como dizia ele. Comprou carro de luxo dos últimos lançamentos da indústria automobilística; financiou um apartamento de 300m em uma região mais valorizada da cidade, onde passou a receber os amigos para encontros sociais. Para Ananias, com seus 35 anos, casamento não existia, porque mulheres, ele as tinha todas que desejasse.

Sua loja agora vendia lustres cuja função era cognominá-lo grande empresário. Sabemos que seu negócio eram os investimentos. Nesse período, esteve na Europa, na América do Norte e na América Central. Achava-se um homem rico.

Ananias não reunia competência para se estabelecer e tornar seu capital autossustentável, pois continuava semianalfabeto. Ananias jamais imaginou que um país não sobrevivesse com uma hiperinflação pela qual não firmaria compromissos nem economia autossustentável.

As equipes de economistas realizaram inúmeras tentativas para sufocar a inflação. Com um estudo aprofundado, conseguiram a fórmula mágica. Em apenas

seis meses, já trabalhavam com inflação de 6%, tendo todos os rendimentos do mercado caído a esse nível. Ananias, com baixa cultura, não se preparou para tal momento.

Seus rendimentos despencaram ao mesmo nível, o que foi um desastre para ele. O primeiro baque foi imediatamente desluzido por seu grupo de socialites.

Com um comércio depreciativo, de vendas inexpressivas, passou a usar o capital para manter-se e saudar os compromissos. Não percebia que estava fazendo o caminho de volta aos velhos tempos da roça. Obrigou-se a vender o apartamento, por não reunir condições de pagar o condomínio. Voltou para a periferia. Com vendas irrisórias e existências de compromissos a saudar, foi obrigado a vender o carro e voltou a usar o velho BUS.

O sucesso do plano econômico foi reconhecido pela comunidade internacional. Nosso herói continuava em decadência. Obrigou-se a vender a casa e a entregar a loja, em pagamento de uma dívida. Ananias passou a morar com um parente, em uma casa situada em um terreno invadido.

Passou a sobreviver de um salário mínimo pago aos velhos pelo Governo. Seu

tratamento de saúde dependia de receber os remédios nos postos de saúde, quando tinha as medicações de que ele necessitava.

Quem não tem competência não se estabelece, dizem os sábios. Quando Ananias circula pelo bairro, os velhos moradores, agrupados nas sombras das árvores jogando baralho, apontam para ele e dizem: “Quem é aquele?”. E alguém responde:

É o Rico de Passagem.

## **O INFERNO NA VISÃO DA MÍDIA**

“ *O inferno não é tão ruim quanto se pinta.* A mídia é que quer acabar com ele.”

Foram dois grandes amigos que viveram no plano terrestre.

Homens de portes físicos avantajados, cabelos lisos e claros, com olhos verdes, aqueles que as mulheres comparam com alças de caixão mortuário, que nunca estão sozinhas quando uma solta outra pega.

Homens de condições financeiras só-

lidas, viveram uma vida desregrada, participaram de todas as promiscuidades, lícitas e ilícitas. Fizeram e se desfizeram do livre-arbítrio, da forma como entenderam. Um dia, por acaso, falaram da espiritualidade. O mais interessante é que todos os dois tinham medo de ir para o Inferno. Dois grandes amigos sempre fazem pactos. Com eles, não foi diferente. O que morresse primeiro viria avisar o outro, quando fosse a sua vez, e o nível de espiritualidade em que estava. Passado acentuado tempo, um deles faleceu.

E toda a conduta pós-morte, nós já a conhecemos. O outro arrefeceu seu sistema de vida, baseado na conversa do pacto feito com o falecido. Passados vários anos, o falecido veio visitar o amigo, trazendo a informação de que, em dias breves, ele deveria fazer também sua última viagem, o que o deixou apavorado. Mesmo assustado, resolveu fazer algumas perguntas.

- Qual o nível de espiritualidade em que tu estás?

O outro lhe informou:

- Onde você acha que eu deveria estar? Não me digas que é no Inferno.

O outro respondeu: - O que tu achas?

Será que merecemos outro lugar? Não me diga. Você falou “Merecemos”? Você não tem o direito de me pré-julgar. O amigo respondeu: - Não sou eu. E tua ficha é que já está pronta. - É lugar de gente conhecida, você vai ver e gostar. São deputados, presidentes, senadores, religiosos de várias seitas e prefeitos, governadores, militares, militantes de todos os partidos políticos, com todos os seus assessores. E profissionais liberais, pais de família e mães de família, das práticas de infidelidade conjugal. Moças jovens e solteironas, de realização de práticas absurdas que julgavam ser ocultas. É muita gente. E de boas intenções, o Inferno está cheio. Não se assuste, o inferno já não é tão rígido como antigamente. Sua cadência funciona e nada fica a dever às do Brasil.

É moleza e limpeza pura. Lá também, como no Brasil, não há nada que uma boa conversa não resolva. Está de igual para igual. Lúcifer, que era presidente, sofreu A.V.C., ficando com vida vegetativa.

Satanás, seu irmão gêmeo, degenerou-se no álcool e no jogo de cartas-níquel. Abandonou o posto.

Os luzeiros estão em déficit de cin-

quenta por cento de seu funcionamento. Já não há calor excessivo. - A caruma queimou sua resistência e o cheiro de enxofre acabou. Agora o cheiro é de lavanderia suíça.

- Quanto às caldeiras, uma furou e o vapor vazou. A outra queimou a resistência e só funciona pela metade. A única diferença daqui é que lá tem casa e terreno à vontade. O MST e o movimento dos sem-teto não precisam fazer invasão. Lá estão também todos os corruptos, usurpadores e ladrões de Brasília. - O que lhe amedronta?

O amigo respondeu: - É o castigo do tambor de fezes.

- Não se preocupe. Aquele castigo dificilmente funciona. Só eu já estive três vezes para ser colocado e nunca deu certo.

Você fala daquele castigo em que se enche o tambor de fezes líquidas, e colocam a gente dentro, faltando um centímetro para atingir a boca, e o capeta vem balançar o tambor? - É deste mesmo que tenho medo. - Aquilo funciona igual a repartição pública no Brasil. Quando tem o tambor, não tem as fezes; quando tem as fezes, o tambor está furado.

Quando tem o tambor e tem as fezes,

o cão encarregado de balançar o tambor falta ao serviço. - A última moda agora, no Inferno, é passear com caixa de isopor, cheia de celular de cachaça na cabeça. E cheia também esta de bermudas e chinelos japoneses. Inclusive, essa moda foi copiada dos dirigentes do Brasil. Lá, é a coqueluche do momento.

- Entre o inferno e o Brasil, não há diferença.

- Então, vai ou não vai?

- É pegar ou largar.

- É sua última chance!!!

## **QUEM FOI ONOFRE O SANTO DOS EMBEBEDADOS**

Onofre viveu nos fins do século IV ou no princípio do V. Homem probo e possuidor de uma pequena herança monetária. Diz a lenda que Onofre teria sido alguém com o vício do alcoolismo. Ele nutria profunda vontade de obter a sua sobriedade. Doou toda a sua herança aos prostituídos e marginalizados da sociedade, e foi viver em um mosteiro, com uma centena de irmãos. Durante longo tempo, viveu em meditação, tornando-se um ermitão solitário. Porém, com a mente sempre atordoada pela lembrança do etilismo, conseguiu autorização para não celebrar atos litúrgicos, para não ter que manusear vinho (substância etílica), símbolo do sangue de Cristo. Fez uma profunda e consciente meditação ao Senhor, na qual fez um voto pedindo sobriedade mental e espiritual.

Obteve isso. Recebeu uma mensagem da espiritualidade de que deveria deixar a comunidade e viver no deserto, em profunda solidão. Sofreu fome, sede, calor, frio, intempéries e diversas tentações. Confiou extremamente na providência divina.

Foi Deus que o nutriu e o consolou. A providência divina colocou ao lado da gruta em que Onofre morava uma tamarreira de cujos frutos ele se alimentava (frutas da família das oxalidáceas, planta hortense de sabor ácido [azedo]). Essas informações justificam a preferência dos alcoólicos por tira-gosto de sabor azedo (limão, laranja, cajá, tamarindo). Onofre alimentava-se também de outros frutos e animais raros existentes no deserto. Orava e meditava, realizando penitências por si e pelo mundo. Um abade chamado Pafnuco costumava visitar ermitões na tebaida. Pafnuco, em suas andanças pelo deserto do Egito, passou por um grande susto, que o atemorizou, ao encontrar um homem magro, com cabelos e barba enormes, que lhe cobriam todo o corpo. Usava um saiote de folhas apertado à contínua. Abaixo desta, uma pele de animal. Pafnuco fugiu sem entender a presença do ermitão. Porém, o homem de enormes barbas chamou o abade pacientemente, convidando-o a aproximar-se. O chamado meigo, calmo e carinhoso de Onofre fez Pafnuco se aproximar dele.

Pafnuco, na conversa com o velho homem, soube que se tratava de Onofre, o qual havia sido monge. Pafnuco se assustou vendo o piedoso ermitão já velho, trêmulo, enrugado, queimado do sol, sofrido pelas chuvas, pelo calor, pelo frio, pela fome e sede. Onofre já estava realmente muito doente, às portas da morte. Onofre, já exercitando seus poderes espirituais, olhou profundamente nos olhos de Pafnuco e disse: - Irmão Pafnuco, não se perturbe.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, a mim te encaminhou para que faças meu sepultamento. Onofre, após receber a unção dos doentes e ser abençoado pelo abade, veio a falecer e por este foi sepultado, fato provavelmente ocorrido no ano 400.

O santo tem sua festa. Dia 12 de junho.

Livros publicados pela **Editora Corsário**

[www.corsario.art.br](http://www.corsario.art.br)

**Tris** - Ylo Barroso

**P(F)onte de Desejos** - Ana Cristina de Moraes

**An** - Uirá dos Reis

**Fábrica de Asas** - Katiusha de Moraes

**Ilha de Virtudes** - Onofre Alves

**Um jardim chamado Noia** - Derivaldo Santos

**Carinhanha: entre rosas e veredas**

Léo Macklelene G.C, Simone R. Passos, Fabiano  
Costa Vale, Ana Daniela Neves, Daniele dos S.Rosa

**Mitologias Poéticas** - Mardônio França

José **Onofre Lourenço Alves** nasceu em Sobral, Ceará - filho de Sebastião Alves Sobrinho e Maria de Nazaré Lourenço Alves. Publica seu segundo livro, *Sorrisos de Vida*. Publicou seu primeiro livro em 2010, *Ilha de Virtudes*.

Sua literatura é marcada pela crítica social, contos brincantes e jocosos e a poética cotidiana que nos lança aos olhos.

Nos presencia com o novo livro pela Editora Corsário





este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10  
cartão supremo 250g / polem 80g  
nas oficinas da Expressão Gráfica  
para a Editora Corsário em Março  
de 2011.